

Camelôs de Brasília vão para Taguatinga

Da Sucursal

Taguatinga — Desde que a Administração de Brasília resolveu regularizar a situação dos camelôs que atuavam na plataforma superior da Rodoviária e no Setor Comercial Sul, os ambulantes, que não foram cadastrados estão procurando outros pontos para desempenhar suas atividades. Em Taguatinga, o movimento de camelôs teve um aumento significativo nas últimas semanas, especialmente no centro da cidade, onde o trânsito de pedestres é mais intenso.

A maioria dos camelôs trabalhava no Setor Comercial Sul, em frente às Lojas Americanas e ao Banco Itaú, comercializando produtos do Paraguai. Em Taguatinga, eles estão se instalando na calçada em frente às lojas do centro, em paradas de ônibus e no canteiro da pista principal da satélite.

Durante a semana, os camelôs chegam cedo ao local de trabalho, antes mesmo que as casas comerciais abram suas portas. Montam suas barracas e ficam à espera dos primeiros fregueses. A variedade de produtos é significativa. Ao atravessar a calçada, em frente às lojas Arapuá e Novo Mundo o consumidor pode comprar desde cadarços para tênis até aparelhos eletrônicos, rádios, televisores, gravadores, relógios, cosméticos e brinquedos, que podem ser simples ou mais sofisticados.

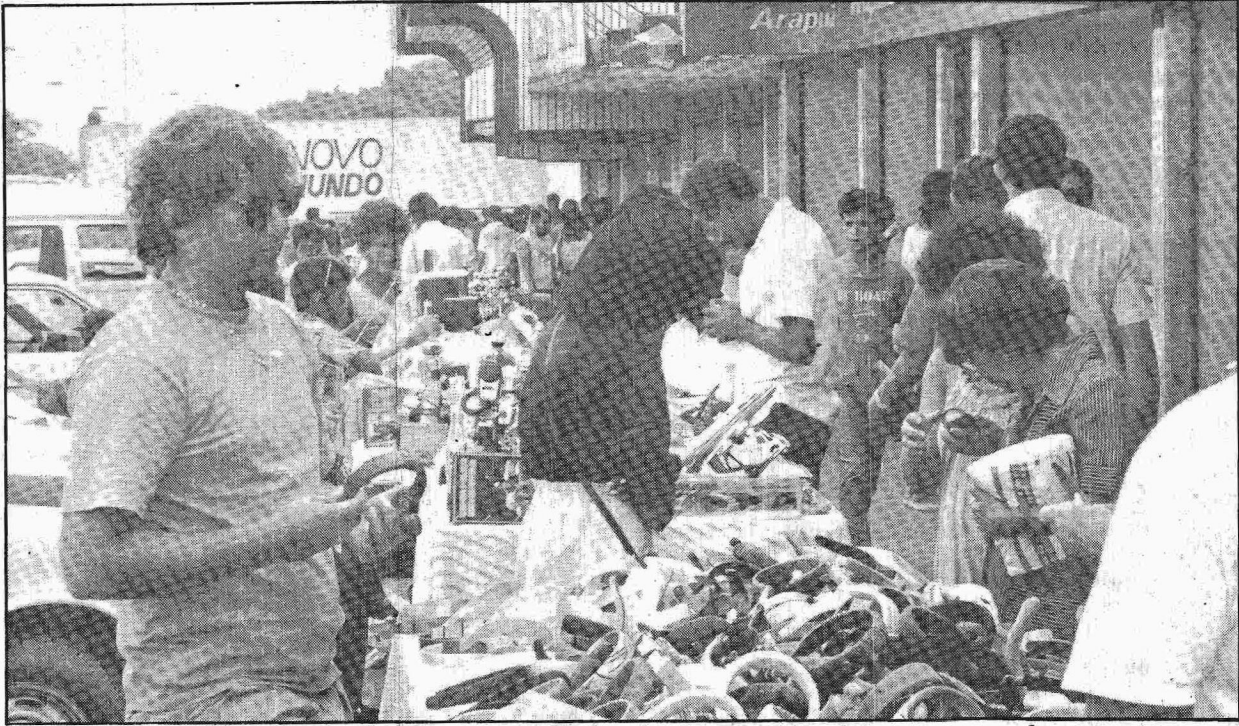
Concorrência — Apesar dos ambulantes garantirem que não atrapalham em nada o movimento do comércio, gerentes e vendedores afirmam que o que prejudica é o tumulto frequente em frente às lojas, dificultando o

acesso de clientes e tirando a visibilidade dos transeuntes que acabam não percebendo os cartazes de ofertas colocados em pontos estratégicos. O gerente de uma das lojas, que prefere não ser identificado, contou que já manteve vários contatos com a Administração Regional de Taguatinga pedindo providências.

Diariamente, fiscais da Administração de Taguatinga circulam pela área ocupada pelos camelôs, mas até agora, segundo os ambulantes informam, nenhuma medida mais drástica foi adotada, como a apreensão da mercadoria. Para o camelô Valdeci, que até poucos dias atrás, trabalhava no Setor Bancário Sul, Taguatinga tem sido a melhor opção encontrada pelos ambulantes, que foram proibidos de trabalhar no Plano Piloto. Vendendo rádios, tevês e gravadores importados do Paraguai, ele afirma que o movimento tem sido pequeno desde a semana passada mas, mesmo assim, ninguém pode desistir de trabalhar. “O que não podemos é roubar”, disse Valdeci.

Preocupação — Os camelôs se mostram preocupados com a questão da localização de suas bancas e com a possível investida da Receita Federal — já que vendem produtos importados. “Todos nós aguardamos uma solução mais definitiva por parte do GDF, como a criação de uma área mais espaçosa, onde todos possam trabalhar e não apenas alguns, como está acontecendo”, reivindicaram. Enquanto isso não acontece, eles estão dispostos a permanecer onde estão, tendo a cada dia que dividir o espaço, já limitado, com mais um colega de profissão.

CARLOS JACOBINA



Sem local no Plano, os camelôs lotam as calçadas de Taguatinga sob os protestos dos comerciantes

O impasse continua sendo a localização

Não é de hoje que os camelôs de Taguatinga vivem a novela de não ter local adequado para trabalhar. Alguns anos atrás, a Administração Regional da satélite desativou a feira ambulante que era realizada diariamente na Praça do Relógio, atendendo a pedidos da própria comunidade, que alegava a ocorrência de inúmeros assaltos e outros incidentes no local. De lá para cá, os camelôs perambulam à procura de “um ponto ideal”, onde possam trabalhar sem a preocupação com o “rapa”, e ao mesmo tempo, contar com um grande número de fregueses.

Nos últimos dias, de acordo com os ambulantes, o problema de falta de lugar está mais visível, bastando olhar a situação das calçadas principais da cidade. Paralelo ao muro da Escola Industrial — EIT, no início da comercial Norte, dezenas de ambulantes disputam o espaço e o freguês.

Em frente às Lojas Arapuá, existiam apenas quatro ambulantes há cerca de um mês. Atualmente, durante toda a semana, até sábado por volta de 20h, aproximadamente 20 ambulantes dividem o espaço. Segundo o gerente da loja, nenhum contato foi mantido com a Administração

Regional para pedir providências. Segundo ele, os camelôs se comprometeram a não permanecer na porta do estabelecimento, tumultuando a entrada dos fregueses e estão cumprindo o trato.

Na opinião dos ambulantes, o trabalho que desempenham em frente às lojas, acaba contribuindo para aumentar a freguesia, já que as pessoas passam, param para olhar os produtos expostos e acabam entrando nas lojas. Alguns camelôs, que trabalhavam em frente às lojas Americanas no Setor Comercial Sul, afirmaram que o movimento na Loja diminuiu depois que foram retirados

ARQUIVO: 4/3/91



Feiras localizadas nas quadras são aprovadas pela população

Comunidade desaprova a mudança de feiras fixas

A idéia do secretário da Agricultura do DF, Renato Simplicio, de transformar as feiras de frutas nas quadras em itinerantes não é compactuada pelos comerciantes do ramo e por clientes já acostumados com a facilidade oferecida. “No projeto urbanístico isso não foi devidamente previsto”, disse o sociólogo Fernando Storni, um dos clientes há vários anos.

Segundo Storni, não foi prevista a necessidade da comunidade, que é superior a qualquer projeto no sentido da extinção dessas feiras. Ele disse ainda que a população se encarrega de facilitar a sua própria vida, criando seus espaços, o que torna a vida mais fácil. Laércio Arcoverde, que fornece alguns produtos aos feirantes há dez anos, acredita que se as feiras, atualmente fixas, se tornarem itinerantes, muitos perderão sua fonte de renda, mesmo porque a maioria depende exclusivamente daquela atividade.

Francisco Renê é um cliente que defende a padronização da feira em um terreno desocupado do governo, ao lado da atual feira (303 Norte). Para Roberval Mendes, o “cliente que compra comigo não compra em outro”, numa alusão à credibilidade que a feira expõe aos compradores.

Ao todo são sete barracas na 303 Norte, mas em outras quadras há um número semelhante.

O feirante José Ferreira, na atividade há seis anos, acredita que o governo vá entendê-los. “Eu não posso dizer nada. O governo é governo. Agora, eu espero que ele entenda a nossa situação”, disse resignado. Sílvia Guimarães, que compra sempre nessas feiras, considera que “além da qualidade, o produto está próximo de casa”. O feirante Carlos Alberto lembra que o governador Roriz prometeu que essas feiras permaneceriam no local. Só não permitiria o surgimento de novos comerciantes do ramo.